

## Relações Intergeracionais: Significados de Adolescentes sobre Avós e Idosos<sup>1</sup>

Cunha, Bebiana<sup>1</sup> & Matos, Paula Mena<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Casa da Juventude de Santa Cruz do Bispo – Câmara Municipal de Matosinhos

<sup>2</sup> Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade do Porto

Num mundo paradoxalmente mutável, as relações humanas, os sistemas e papéis familiares têm-se redefinido. Neste estudo com 316 netos adolescentes, entre os 13 e os 21 anos ( $M=15.5$ ;  $DP=1.54$ ), de ambos os sexos, pretendeu-se aceder às significações da relação com os avós no geral e da figura preferida em particular. Face a todas as exigências da sociedade, de aparente culto da juventude e de suposta tolerância face aos idosos, procurou-se igualmente analisar em que medida a qualidade da relação com os avós se associava à natureza das crenças sobre os idosos em geral. Os resultados do estudo revelam que a relação parece variar de acordo com a dimensão a que se pretende aceder, ao mesmo tempo que variáveis sócio-demográficas parecem interferir. A avó materna surge como figura preferida, a qual parece ter uma função charneira na medida em que conecta os netos à história familiar e sócio-cultural. Na generalidade, os idosos são descritos favoravelmente, e estas descrições aparecem associadas à qualidade das relações com os avós

*Palavras-chave:* Netos adolescentes, relações intergeracionais, idosos;

### 1. INTRODUÇÃO

No plano macrossocial, vivenciam-se factos, transformações sociais, que contribuem para a redefinição de papéis familiares, designadamente o prolongar da juventude, a massificação do acesso ao ensino superior, o desemprego, o conseqüente adiar da constituição da sua própria família, os pais tornarem-se um suporte financeiro durante muito mais tempo e o aumento da esperança média de vida (Pais, 2003; Pappámikail, 2004). Parece haver um potencial implícito no aumento da longevidade dos membros da família, quer para as gerações mais novas (Bengston, 2001; Coutrim, 2006; Crosnoe & Elder, 2002; Kemp, 2005; Rani & Sharma, 2004; Relvas, 2004), quer para as gerações mais velhas (Ferland, 2006; Triadó & Villar, 2000). Inevitavelmente emergem novas formas de família, que devem ser tidas em conta para uma perspectiva holística e sistémica das relações intergeracionais (Alarcão, 2006; Relvas, 2004). As relações entre

L

netos e avós persistem desde há muito tempo, mas só recentemente atraíram a atenção de investigadores (Kornhaber, 1996). Coimbra de Matos (2006) refere que todo o universo existente entre netos e avós pode denominar-se de grã-parentalidade. As alterações sócio-demográficas têm conduzido à diluição da imagem do avô velho sentado na cadeira a contar histórias, para um avô ainda no activo: até porque tornar-se avô é um fenómeno ocorrido quer na idade média, quer na madura (Pinazo, 1999).

De acordo com Pinazo (1999), os estudos realizados relativamente à perspectiva dos netos sobre a grã-parentalidade e as suas relações com os avós são muito mais reduzidos do que os referentes à perspectiva dos avós, cujo foco se tem vindo a alargar a partir da década de 90 (Barbosa & Queirós, 2004, Kornhaber, 1996). Aliás, a existência de poucos estudos inclusive sobre o papel de neto, pode levar a questionar se será um papel sem papel, com ausência de definição, ou falta de validação. Num estudo recente com adolescentes, Céldran, Osuna, Solé, Triadó e Villar (2006) pediram aos netos adolescentes para caracterizarem a figura do avô/ó. Estes condensaram-na nas características da própria relação (eg: compreensão, afecto), em vez de se basearem em aspectos pessoais do avô. Pelo contrário, os avós, quando solicitados para descreverem a figura do neto, fizeram-no recorrendo a características pessoais do neto, o que permite aos autores concluir que o papel de neto está pouco definido (em oposição ao de avô). Contudo, o papel de neto pode ser simbólico, tendo em conta a teoria do interaccionismo simbólico, que explica que os indivíduos atribuem significado aos papéis simbólicos desempenhados por si e pelos outros com quem mantêm relações (Ingoldsby, Miller & Smith, 2004 in Robila, Seung-Lee & Taylor 2005). De acordo com Stella (2004), a pesquisa sobre as percepções, atitudes, relações e significações que os netos têm dos avós parece ser escassa em Portugal. Não obstante, os estudos realizados revelam que as percepções e atitudes dos netos face aos avós parecem variar consoante a idade, o género e a filiação (Dias, Dias & Silva, 1999). À medida que a criança cresce, a relação com os avós evolui, na infância tende a ser mais centrada em si e mediada, valorizando mais a indulgência dos avós. A partir da adolescência, a relação entre o neto e os seus avós torna-se cada vez mais directa, pois não necessita da presença dos pais, para que se mantenha (Dias, Dias & Silva, 1999; Ferland, 2006; Kahana & Kahana, 1970). No que diz respeito ao género do neto, vários estudos sugerem que há um maior envolvimento

das netas adolescentes com os avós (Dias, Dias & Silva, 1999; Martinez, Triadó & Villar, 2000; Rani & Sharma, 2004). Relativamente à filiação, a preferência parece recair sobre os avós maternos, sendo a avó materna eleita como a preferida (Dias, Dias & Silva, 1999; Hawstorne & Manaster, 1982; Roberto & Stroes, 1982, Osuna, Pinazo, Solé, Triadó & Villar, 2005).

Num estudo de Dias, Dias e Silva (1999) os adolescentes referiram que os preconceitos sobre os idosos não eram transferidos para as relações com os seus avós. Johnson, Kite Stockdale e Whitley (2005) justificam este facto com a teoria do papel social, que explica que quando olhamos os outros, vemo-los através do papel que desempenham, associando o papel ao indivíduo e não o oposto. Não obstante, não se pode ignorar que há uma herança cultural e científica que veicula mensagens negativas acerca do envelhecimento em geral e do idoso em particular (Lima, 2004).

Assim sendo, este estudo teve como objectivo primordial conhecer o modo como os adolescentes significam a relação com a figura grã-parental preferida. Paralelamente pretendeu-se aceder à interpretação construída pelos adolescentes relativamente aos senescentes e conseqüentemente de que modo estas representações se associam à qualidade das relações mantidas com os seus avós. Do mesmo modo, foram também tidas em conta as diferenças nestas escalas, em função de variáveis estruturais e sócio-demográficas, designadamente o agregado familiar, a proximidade geográfica, presença de doença crónica, percepção da frequência de doença, percepção do quanto a figura gosta de si, frequência de contacto, importância da relação e outras variáveis do adolescente e da figura preferida, como o género, a idade e as habilitações literárias.

## **2. MÉTODO**

### **2.1 Participantes**

A amostra definiu-se por conveniência, sendo constituída por 159 participantes do género masculino e 157 participantes do género feminino, residentes na Área Metropolitana do Porto. Os participantes têm idades compreendidas entre os 13 e os 21 anos ( $M = 15.5$ ;  $DP = 1.54$ ), frequentam o 8º ano (23.4%), 9º ano (26.3%), 10º ano (26.0%) e 11º ano (24.4%). Relativamente ao agregado familiar definiram-se quatro categorias: reside com os pais na presença ou não de outros familiares (76.3%); reside

apenas com um dos pais por motivo de divórcio ou viuvez (14.9%), reside em família de recasamento (5.1%) e outras formas de agregado familiar (3.2%). Relativamente ao tempo que demoram entre as residências (neto-avô), também se definiram quatro categorias: até 10 minutos (38.0%), de 20 a 30 minutos (31.3%); de 30 minutos a uma hora (4.7%); mais de uma hora (13.6%). Dos participantes em co-residência com avós (21, 6%), a maioria reside com o seu avô preferido (18.0%).

## 2.2 Instrumentos

O protocolo é composto por três partes: (a) Escala de Crenças Generalizadas Sobre Idosos (*CGSI*), utilizada para aceder às representações dos adolescentes sobre os mais velhos. Para a construção deste instrumento partiu-se de dois estudos (Buchanan & Holmbeck, 1998; Buchanan & Hughes, 2006) que avaliam a percepção dos mais velhos sobre os adolescentes, tendo o instrumento sido adaptado quer por eliminação de alguns itens, quer por inclusão de outros, ao mesmo tempo que a escala de resposta também foi alterada; (b) Escala dos Significados da Grã-Parentalidade (*GSM*), elaborada para avaliar as percepções dos adolescentes relativamente à relação com o/a avô/ó preferido/a, baseada tradução adaptada do instrumento de Osuna, Pinazo, Solé Triadó e Villar (2005). Por se pretender aceder aos significados dos adolescentes relativamente à experiência de ser neto e aos processos de luto integraram-se também algumas questões abertas; (c) o questionário sócio-demográfico, que tem por objectivo a recolha dos dados do participante (género, idade, habilitações literárias, nacionalidade, localidade onde reside, proximidade geográfica da figura preferida). Antes de se partir para aplicação do protocolo à amostra, concretizou-se uma reflexão falada com 13 adolescentes (dos 13 aos 20 anos), que se revelou útil para afinar alguns aspectos de tradução, de compreensão dos itens e do formato de resposta.

## 2.3 Procedimentos

Os conselhos executivos de diversas escolas foram contactados no sentido de colaborarem com o estudo, ao que 3 escolas da Área Metropolitana do Porto aceitaram participar. A recolha dos dados ocorreu no grupo-turma (14 turmas), no período lectivo de 45 minutos. Inicialmente, foram explicados aos adolescentes os objectivos do estudo,

sendo o preenchimento voluntário e anónimo, não se registando desistências. Ao longo do preenchimento foram esclarecidos nas dúvidas circunstanciais.

### 3. RESULTADOS

No tratamento de dados, utilizou-se o programa de análise estatística de dados SPSS versão 15. Para análise dos dados foram utilizados procedimentos estatísticos diferentes, que permitiram testar a estrutura factorial dos instrumentos, a consistência interna das dimensões, as associações entre dimensões e diferenças em função de variáveis diversas.

#### *Estrutura factorial e consistência interna dos instrumentos*

No que diz respeito à GMS, ao longo da análise factorial em componentes principais (rotação varimax), suprimiram-se 16 itens factorialmente complexos. A escala ficou constituída por 30 itens, que se agrupam nas seguintes dimensões, explicando 58.79% da variância total: (1) *confiança* (9 itens,  $\alpha = .88$ ) explica 29.34% da variância total; (2) *desfrutar da relação* (6 itens,  $\alpha = .87$ ) explica 8.59% da variância total; (3) *ligação com o passado* (3 itens,  $\alpha = .81$ ) explica 6.81% da variância total; (4) *distância* (5 itens,  $\alpha = .61$ ) explica 5.50% da variância total; (5) *mediação* (5 itens,  $\alpha = .73$ ) explica 4.60% da variância; (6) *indulgência* (2 itens,  $\alpha = .65$ ) explica 3.95% da variância total da escala. Importa referir que estas dimensões foram nomeadas tendo em conta o estudo original dos autores e a consonância com os itens que as constituem. De ressaltar que as dimensões estão próximas do instrumento original, sendo os itens totalmente coincidentes com o original na dimensão *ligação com o passado*.

No que diz respeito à CGSI, são quatro os factores que explicam 45.41% da variância total. Ao longo da análise factorial em componentes principais (rotação varimax), foram-se eliminando os itens factorialmente complexos. Desta forma, restaram 31 itens descritores de crenças generalizadas sobre idosos, agrupando-se em quatro dimensões teoricamente interpretáveis como: (1) *amigabilidade* (10 itens,  $\alpha = .84$ ), explica 18.80 % do da variância total; (2) *alienação* (7 itens,  $\alpha = .79$ ), explica 13.37% da variância total; (3) *actividade* (8 itens,  $\alpha = .76$ ), explica 7.99% da variância total; e (4) *externalização* (6 itens,  $\alpha = .71$ ), explica 5.26% da variância total. Apesar das alterações

ao instrumento, os itens que se mantiveram são no geral coincidentes com o instrumento original, sendo totalmente coincidentes na dimensão *alienação*, que diz respeito a aspectos que podem conduzir à exclusão social dos idosos.

#### *Associações entre a GMS e variáveis estruturais e socio-demográficas dos avós*

Na análise das variáveis estruturais e sócio-demográficas dos avós que podem interferir nas relações netos-avós, observaram-se os seguintes resultados: (1) agregado familiar, não se encontraram diferenças significativas entre netos que habitam numa família intacta e netos com outras formas de família; (2) a co-residência com avós apresenta diferenças significativas entre netos que residem com avós e os que não residem [ $F(6, 262) = 3.73, p < .001$ ].na dimensão *confiança* [ $F(1, 267) = .531, p < .001, \eta^2 = .058$ ]. A *confiança* é mais elevada entre netos e avós que co-residem (M = 2.85; DP = .84) do que nos que não co-residem (M = 2.31; DP = .89); (3) a idade do/a avô/ó preferido/a apresenta correlações negativas significativas com as dimensões: *confiança* ( $r = -.198, p < .001$ ) *mediação* ( $r = -.121, p < .005$ ) e *indulgência* ( $r = -.171; p < .005$ ), isto é, quanto mais velhos os avós, mais baixos os valores destas dimensões; (4) as habilitações literárias do avô não se encontram significativamente correlacionadas com nenhuma das dimensões; (5) o género da figura preferida não apresenta diferenças ao nível das dimensões; (6) doença crónica, não se encontram diferenças significativas entre os netos que têm avós com doença crónica e os que não têm; (7) a frequência de vezes que o/a avô/ó está doente correlaciona-se negativamente com as seguintes dimensões: *confiança* ( $r = -.119; p < 0.05$ ); *desfrutar* ( $r = -.144; p < 0.05$ ); *ligação ao passado* ( $r = -.166; p < 0.05$ ); *mediação* ( $r = -.214; p < 0.001$ ) e *indulgência* ( $r = -.180; p < 0.05$ ); (9) a percepção do quanto o avô gosta de si correlaciona-se positivamente com as dimensões *confiança* ( $r = .294, p < 0.01$ ), *desfrutar* ( $r = .365, p < 0.01$ ); *ligação ao passado* ( $r = .273, p < 0.01$ ); *mediação* ( $r = .260, p < 0.01$ ) e *indulgência* ( $r = .316, p < 0.01$ ), não se correlacionando com a *distância*; (8) proximidade geográfica, encontrou-se uma correlação negativa entre a *distância* e a dimensão *confiança* ( $r = -.133; p < 0.05$ ), ou seja há menor confiança percebida quando a distância geográfica entre netos e avós é maior;

Relativamente aos avós no geral, a frequência de contacto apresenta-se superior a 4 com todos os avós, num intervalo de 1 a 5. (M = 4.32 DP = .76) A frequência de

contacto com o avô materno correlaciona-se positivamente com a dimensão *confiança* ( $r = .180, p < 0.05$ ) e a frequência de contacto com a avó materna correlaciona-se positivamente com as dimensões *confiança* ( $r = .166, p < 0.05$ ) e *mediação* ( $r = .155, p < 0.05$ ). Os avós paternos não apresentam correlações significativas. A importância percebida da relação com os avós apresenta-se superior a 3, numa escala de 1 a 4 ( $M = 3.18, DP = .63$ ).

#### *Associações entre a GMS e variáveis sócio-demográficas do adolescente*

Na análise dos efeitos das variáveis sócio-demográficas do adolescente sobre as relações netos-avós, observaram-se os seguintes resultados: (1) quanto à idade do participante (dois grupos: 13-16; 17-21) não se encontraram diferenças significativas na GMS; (2) habilitações literárias (2 grupos: 8º-9º ano; 10º-11º ano) não se encontraram diferenças significativas [ $F(6, 263) p = 1.24$ ]; (3) género, identificaram-se diferenças significativas ao nível do género [ $F(6, 263) = 3.67, p < .005, Wilk's\ Lambda = .923, eta^2 = .97$ ], nas dimensões *desfrutar da relação* [ $F(1, 268) = 15.28, p < .001, eta^2 = .054$ ]; e *ligação ao passado* [ $F(1, 268) = 9.57, p < .005, eta^2 = .034$ ]. A dimensão *confiança* ultrapassou ligeiramente o limite [ $F(1, 268) = 7.18, p = .008, eta^2 = .026$ ]. A leitura das médias permite observar que as netas têm valores mais altos.

Na selecção da figura preferida, a maioria dos adolescentes revela preferência pelas avós no geral e a avó materna em particular (cf. Quadro 1).

Quadro 1. *Filiação e género da figura preferida*

<b>Filiação</b>	<b>Figura preferida</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
<b>Paterna</b>	<b>Avô-neto</b>	<b>21</b>	<b>6.7%</b>
	<b>Avô-neta</b>	<b>14</b>	<b>4.4%</b>
	<b>Avó-neto</b>	<b>29</b>	<b>9.2%</b>
	<b>Avó-neta</b>	<b>38</b>	<b>12.0%</b>
<b>Materna</b>	<b>Avô-neto</b>	<b>35</b>	<b>11.1%</b>
	<b>Avô-neta</b>	<b>25</b>	<b>7.9%</b>
	<b>Avó-neto</b>	<b>74</b>	<b>23.4%</b>
	<b>Avó-neta</b>	<b>80</b>	<b>25.3%</b>

#### *Associações entre a CGSI e variáveis socio-demográficas dos avós e dos adolescentes*

A idade a partir da qual os participantes consideram uma pessoa idosa oscila entre os 45 e os 80 anos ( $M = 64.4; DP = 6.6; Mo = 65$ ). Esta não parece correlacionar-se

significativamente com as dimensões da escala, isto é, a caracterização do idoso é semelhante independentemente da sua idade. Já a idade dos participantes assume uma correlação negativa ( $r = -.144$ ;  $p < 0.05$ ) com a *amigabilidade*, isto é, quanto mais velhos os adolescentes, menos pontuam a *amigabilidade*. Relativamente ao ano de escolaridade, os adolescentes apresentam diferenças significativas [ $F(4, 267) = 9.95$ , *Wilk's Lambda* = .87,  $p < 0.01$ ,  $\eta^2 = .13$ ], ao nível da *amigabilidade* [ $F(1, 270) = .59$ ,  $p < 0.01$ ,  $\eta^2 = .06$ ]; e da *actividade* [ $F(1, 270) = .265$ ,  $p < 0.01$ ,  $\eta^2 = .06$ ]. Verifica-se que os estudantes do 10º e 11º pontuam menos as dimensões, comparativamente com os do 8º e 9º anos de escolaridade. o ano de escolaridade encontra-se significativamente correlacionado com a idade ( $r = .744$ ,  $p < 0.01$ ).

Observaram-se igualmente diferenças nas crenças em função do género do participante [ $F(4, 267) = 2.63$ ,  $p < .05$ , *Wilk's Lambda* = .962,  $\eta^2 = .04$ ] na dimensão *alienação* [ $F(1, 270) = .256$ ,  $p = .005$ ], em que os rapazes apresentam os valores mais altos ( $M = 1.95$ ;  $DP = 0.58$ ). Por sua vez, o género da figura preferida não apresenta diferenças significativas, relativamente às dimensões [ $F(4, 267) = 237$ ,  $p = .917$ ].

#### *Associações entre GSM e CGSI*

As dimensões positivas da GSM, *confiança*, *desfrutar*, *ligação ao passado*, *mediação* e *indulgência* encontram-se correlacionadas com as dimensões positivas da CGSI, *amigabilidade* e *actividade*, bem como a dimensão negativa *distância* se encontra negativamente correlacionada com essas dimensões e positivamente correlacionada com a *externalização*, sendo porém a magnitude das correlações baixa (cf. Quadro 2).

Quadro 2. *Correlações entre a CGSI e a GMS*

		GMS					
		Confiança	Desfrutar	Ligação ao passado	Distância	Mediação	Indulgência
CGSI	Amigabilidade	.249**	.359**	.279**	.068	.163**	.214**
	Alienação	-.216**	-.280**	-.159**	.102	-.033	-.137*
	Actividade	.173**	.167**	.199**	.091	.121*	.132*
	Externalização	-.134*	-0.95	0.17	.157**	-0.07	-.012

\*  $p < 0.05$ ; \*\*  $p < 0.01$

#### 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De acordo com o esperado (Dias, Dias & Silva, 1999; Osuna, Pinazo, Solé, Triadó & Villar, 2005; Roberto & Stroes, 1992; Robila, Seung-Lee & Taylor, 2005) a análise dos resultados aponta para a existência de uma relação significativa entre netos e avós, que só pode ser acedida numa perspectiva sistémica e multi-dimensional, sendo nesta perspectiva que se discutem os resultados. A relação com a figura preferida parece pautar-se pelo convívio intergeracional, no qual o adolescente desfruta e se sente bem, onde a figura preferida tem um papel de charneira entre o passado cultural, histórico, familiar e o presente, permitindo quiçá ao adolescente conhecer as suas origens familiares, contribuindo para o desenvolvimento de um sentido de filiação, em parte através das histórias que o avô conta (Ferland, 2006; Osuna et al. 2005). Esta figura preferida é, maioritariamente, a avó materna (Dias, Dias & Silva, 1999; Hawstorne & Manaster, 1982; Roberto & Stroes, 1982; Osuna et al. 2005) talvez por a maior esperança média de vida das mulheres permitir mais tempo de convívio intergeracional, mas também devido às características das avós como cuidadoras, que tendem a ser emocionalmente mais próximas dos netos (Dias, Dias & Silva, 1999; Dias & Silva, 2003; Robila, Seung-Lee & Taylor, 2005; Osuna et al., 2005; Robertson & Wood, 1976 in Roberto & Stroes, 1992). Note-se que frequência de contacto com os avós maternos poderia ser um aspecto a ter em conta para explicar a preferência pelos avós maternos no geral (Dias & Silva, 2003), mas neste estudo a frequência de contacto é elevada com os avós no geral. Contudo, pode pensar-se que a qualidade desta frequência de contacto seja diferente entre avós, até porque os dados associam esta variável a uma maior *confiança* estabelecida com os avós maternos. Os netos adolescentes parecem beneficiar da indulgência dos avós, que dão mimos, dinheiro, conselhos e enchem a relação de “algos” significativos, que são valorizados de acordo com a idiosincrasia de cada adolescente. Todavia, estas relações não parecem revestir-se de elevados níveis de confiança, apesar de na literatura alguns relatos de adolescentes terem denunciado a figura preferida como confidente (Ferland, 2006). A média na dimensão da *confiança* foi das menos elevadas, talvez por os adolescentes reservarem estas relações para o grupo de pares, focando a sua energia em relações fora da família e no seu desenvolvimento pessoal (Osuna et al. 2005; Roberto & Stroes, 1992). Por sua vez, a dimensão *distância* foi a menos pontuada, o que

não nega a sua existência na significação da grã-parentalidade, mas vem realçar a existência de compreensão intergeracional, podendo eventualmente haver situações em que o avô se torna mais inflexível e distante, designadamente aquelas em que tem que assumir um papel de estruturador de regras e disciplina, em famílias alargadas mais disfuncionais (Hamm & Millan, 2004).

Estas relações não estão imunes aos aspectos sócio-demográficos e, como tal, enfatizando novamente a multidimensionalidade que reveste estas relações, encontraram-se algumas variáveis que complexificam esta relação. A *proximidade geográfica* parece interferir nas dimensões *confiança* e *mediação*: na ausência de proximidade estas dimensões baixam, o que sugere que a proximidade geográfica facilita a relação e, por sua vez, a distância em termos geográficos pode ser um preditor do contacto (Brussoni & Boon, 1998). Pode compreender-se este resultado na medida em que estas dimensões abarcam aspectos do quotidiano (exemplos dos itens: o avô vai até sua casa quando os pais não estão; quando precisa de tomar uma decisão importante, pede a opinião ao avô; o avô ajuda-o nas tarefas escolares e noutros assuntos; a presença do avô nos conflitos), que requerem essencialmente a presença física da figura preferida, o que se torna mais viável, quando há proximidade geográfica. Neste mesmo sentido, na co-residência com avós, não surpreende a existência de maiores níveis de *confiança*, o que pode estar associado a esta maior proximidade do avô. A existência de *doença crónica* não parece ser um factor impeditivo do estabelecimento de uma relação significativa com o/a avô/ó e deste ser a figura grã-parental preferida. Contudo, a percepção que os netos têm da frequência da doença da figura preferida parece conduzir a uma relação menos intensa, o que pode significar, por um lado, uma menor disponibilidade da figura preferida (Roberto & Stroes, 1992), e por outro, uma maior compreensão da realidade por parte dos netos, deixando para trás a idealização da figura preferida característica da infância ou pré-adolescência e aceitando o avô tal e qual como ele é (Marcoen, Van Rast & Verschueren, 1995).

Apesar de esperado (Dias, Dias & Silva, 1999; Dias, Dias & Silva; Kahana & Kahana, 1970; Marcoen, Van Rast & Verschueren, 1995) não se encontraram diferenças relativamente à idade dos netos. Contudo, à medida que o avô envelhece diminuem as ofertas ao neto, o envolvimento em processos de mediação, e a confiança, o que pode

estar associado a uma menor disponibilidade do avô (Roberto & Stroes, 1992), não só a nível físico, mas também cognitivo (Agostinho, 2004). É compreensível a inexistência de diferenças dimensionais, ao nível do género da figura preferida, e pode pensar-se na existência de critérios gerais para a selecção da figura preferida, independentemente do género. Contudo, como esperado as netas parecem envolver-se mais na relação, o que pode estar associado a características tradicionalmente encaradas como femininas com uma orientação mais vincada para as relações e a expressão do afecto (Dias, Dias & Silva, 1999; Martinez, Triadó & Villar, 2000; Rani & Sharma, 2004).

Relativamente às crenças dos adolescentes sobre os idosos, ao contrário do observado em diferentes estudos (Kimuna & Knox, 2005; Rani & Sharma, 2004), os resultados não parecem veicular crenças negativas sobre os idosos, na medida em que os adolescentes pontuam mais a dimensão *amigabilidade* (eg: bondosos, simpáticos, generosos, atenciosos, honestos, solidários, amigos, carinhosos, maduros e conselheiros), e só após os considerarem nestes termos, são considerados as dimensões *alienação* e *externalização* onde pertencem os itens “resmungões”, “melgas”, “teimosos”, “zangados”, “inseguros” e “críticos”. As dimensões positivas desta escala estão associadas às dimensões positivas da escala das dimensões das relações netos-avós, i.é, respostas mais positivas numa escala têm respostas mais positivas na outra, o que sugere que melhores relações com os avós, estão associadas a crenças mais positivas relativamente aos mais velhos, ainda que a magnitude das associações seja baixa.

## 5. CONCLUSÕES

A grã-parentalidade é multi-dimensional, sendo pontuada pelos netos adolescentes de maneira diferente consoante a dimensão que se pretende conhecer. Os resultados parecem sugerir que os adolescentes desfrutam da sua relação com a figura grã-parental preferida, que maioritariamente é a avó materna, sendo estas relações influenciadas por variáveis sócio-demográficas dos avós e dos netos, bem como por variáveis mais estruturais. A relação positiva com os avós está, por sua vez, associada a uma representação mais favorável dos mais velhos. A qualidade do contacto com os avós poderá, assim, surgir como mediadora das atitudes para com os mais velhos (Anderson, Harwood & Hummert, 2005; Harwood, Lin & Mackee, 2000; Harwood, Hewstone &

Raman, 2006; Harwood, Hewstone, Paolini & Voci, 2005; Parrott & Silverstein, 1997). De qualquer modo, importar referir que a idade cronológica não é um bom critério para os estudos sobre envelhecimento, na medida em que o número de anos não inclui informação sobre a vida do sujeito (Paúl, 2006). Nessa medida, seria interessante compreender os aspectos que condicionam e os critérios que o adolescente utiliza para circunscrever um idoso numa determinada idade.

No presente estudo pretendeu-se contribuir para a literatura existente nesta temática, na medida em que se acederam a significações de netos adolescentes sobre a relação com os avós, bem como a algumas representações do modo como os adolescentes conceptualizam os mais velhos. De qualquer modo, a compreensão das relações entre avós-netos terá de ser alargada à geração dos avós, bem como à geração dos pais que constituem uma geração intermédia com significado para a compreensão das dinâmicas e processos que ocorrem entre netos e avós. Por outro lado, e de acordo com Kornhaber (1996, p. 96) “a grã-parentalidade tem o seu início quando o avô e o seu ainda muito pequeno neto se tornam colegas de brincadeiras e ao longo do tempo se vão tornando companheiros”. Nessa medida, estudos longitudinais poderão oferecer um contributo valioso para o conhecimento das dimensões desenvolvimentais que atravessam a natureza destas relações. Tendo em conta o fenómeno moderno contingente de um cada vez maior número de idosos, torna-se imperativo a existência de espaços naturais que possibilitem a aprendizagem e desenvolvimento mútuos que resultam do convívio intergeracional com qualidade. Conclui-se que os dados retirados deste estudo podem ser úteis ao nível da intervenção com jovens e com idosos, na promoção do seu desenvolvimento pessoal através da intergeracionalidade.

## **CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA**

Bebiana Cunha  
[bebianacunha@gmail.com](mailto:bebianacunha@gmail.com)

## **NOTAS**

<sup>1</sup> Trabalho realizado no âmbito da tese de mestrado em Temas de Psicologia da primeira autora sob a orientação da segunda autora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Barbosa, M. A. & Queirós, I. M. (2004). Natureza e qualidade das relações avós-netos. In C. Machado, M. Gonçalves, L. Almeida, & V. Ramalho (Eds.), *Avaliação psicológica: Formas e Contextos, Vol X* (pp. 98-103). Braga: Psiquilíbrios.
- Bengston, V. L., Feng, D. Giarusso, R., & Silverstein, M. (2001). Grandparent adult grandchild affection and consensus: cross-generational and cross ethnic comparisons. *Journal of Intergenerational Relationships, 1*, 456-477.
- Buchanan, C. (2009). Mother's generalized beliefs about adolescents: Links to expectations for specific child. *Journal of Early Adolescence, 23*, 29-50.
- Buchanan, C., & Hughes, J. (in press). Construction of social reality during early adolescence: Can expecting storm and stress increase real or perceived storm and stress. *Journal of Research on Adolescence, 19*, 261-285.
- Buchanan, C., & Holmbeck, G. N. (1998). Measuring beliefs about adolescent personality and behavior. *Journal of Youth and Adolescence, 27*, 607-627.
- Buchbinder, E., Livni, T., Lowenstein, A., & Werner, P. (2007). Grandmothers', mothers' and granddaughters' perceptions of grandparenthood: A qualitative analysis of congruence across generations. *Journal of Intergenerational Relationships, 5*, 7-25.
- Céldran, M., Osuna, M., Solé, C., Triádo, C., & Villar, F. (2006). Percepciones cruzadas entre abuelos y nietos en una muestra de díadas: Una aproximación cualitativa. *Revista Española de Geriatria y Gerontologia, 41*, 100-110.
- Coutrim, R. (2006). Idosos trabalhadores: pernas e ganhos nas relações intergeracionais. *Sociedade e Estado, 21*, 367-390.
- Crosnoe, R. & Elder, G. H. (2002). Life Course Transitions, the Generational Stake, and Grandparent-Grandchild Relationships. *Journal of Marriage and Family, 64*, 1089-1096.
- Dias, C. (1994). A importância dos avós no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 10*, 31-40.

- Dias, C. M., Dias, M. R., & Silva, D. (1999). Os avós na perspectiva dos adolescentes. *Mente social – Revista Científica do Mestrado em Psicologia*, 5, 89-117.
- Dias, C., & Silva, C. (1999). Avós e avôs: Percepção do papel. *Revista Symposium – Nova Fase, número especial*, 51-67.
- Dias, C. M., & Silva, M. A. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo*, 8, 55-62.
- Ferland, F. (2006). *Os avós nos dias de hoje*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Hamm, B., & Millam, A. (2004). Across the generations: grandparents and grandchildren. *Canadian Social Trends. Statistics Canada*, 11, 2-7.
- Harwood, J., Hewstone, M., Paolini, S., & Voci, A. (2005). Grandparent-grandchild contact and attitudes toward older adults: Moderator and Mediator Effects. *Society for personality and Social Psychology*, 31, 393-406.
- Harwood, J., Hewstone, M., & Raman, P. (2006). The family and Communication Dynamics of Groupe Salience. *The Journal of Family Communication*. 6, 181-200.
- Harwood, J., Lin, M.C., & Mackee, J. (2000). Younger and older adults' schematic representations of intergenerational communication. *National Communication Association*, 67, 20-41.
- Kahana, B., & Kahana, E. (1970). Grandparenthood from the perspective of the developing grandchild. *Journal of Developmental Psychology*, 1, 98-105.
- Kemp, C. L. (2005). Grandparent-grandchild ties: reflections on continuity and change across three generations. *Journal of Family Issues*.28, 855-881.
- Kite, M. E., Stockdale, G. D., Whitley, B. E., Jr. & Johnson, B. T. (2005). Attitudes toward older and younger adults: An updated meta-analysis. *Journal of Social Issues*, 61, 241-266.
- Lima, M. P. (2006). *Posso participar? Actividades de desenvolvimento pessoal para idosos*. Porto: Ambar.
- Kornhaber, A. (1996). *Contemporary Grandparenting*. London: Sage.
- Matos, Coimbra de (2006). Prefácio. In F. Ferland (Ed.), *Os avós nos dias de hoje* (pp.11-12). Lisboa: Climepsi Editores.
- Pais, J.M. (2003). *Ganchos, tachos e biscoites. Jovens, trabalho e futuro*. Porto: Ambar.

- Parrott, T. & Silverstein, M. (1997). Attitudes toward public support for the elderly. *Research on Aging, 19*, 108-126.
- Pappámikail, L. (2004). Relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para a vida adulta em Portugal. *Sociologia Problemas e Práticas, 46*, 91-116.
- Pinazo, S. H. (1999). Significado social del rol del abuelo. *Revista Multidisciplinar de Gerontologia, 9*, 169-176.
- Osuna, M. J., Pinazo, S., Solé, C., Triadó, C. & Villar, F., Solé, C. (2005). The meaning of grandparenthood: Do adolescent grandchildren perceive the relationship and role in the same way as their grandparents do? *Journal of Intergenerational Relationships, 3*, 101-121.
- Rani, R., & Sharma S. (2004). Attitudes of teenagers towards their grandparents. *Journal of Human Development, 15*, 183-185.
- Relvas, A.P. (2004). *O ciclo vital da família. Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Roberto, K. & Stroes, J. (1992). Grandchildren and grandparents: Roles, influences and relationships. *International Journal of Aging and Development, 34*, 227-239.
- Robila, M., Seung-Lee, H., & Taylor, A. C. (2005). Distance, contact, and intergenerational relationships: Grandparents and adult grandchildren from an international perspective. *Journal of Adult Development, 12*, 33-41.
- Stella, A.(2004). *Netos e avós: A matrilinearidade dos afectos*. Conferência apresentada no II Congresso Português de Demografia. Fundação Gulbenkian, Lisboa, Portugal.
- Szinovacz, M. E. (1998). *Handbook of grandparenthood*. Westport: Greenwood Press.
- Triadó, C., & Villar, F. (2000). El rol de abuelo: cómo perciben los abuelos las relaciones con sus nietos. *Revista Española de Geriatria y Gerontologia, 35*, 30-36.
- Martínez, G., Triadó, C., & Villar, F. (2000). El rol y la importancia de los abuelos para sus nietos adolescentes. *Anuario de Psicología, 31*, 107-118.
- Van Rast, N., Verschueren, K., & Marcoen, A. (1995). The meaning of grandparents as viewed by adolescent grandchildren: An empirical study in Belgium. *International Journal of Aging and Human Development, 41*, 311-324.